



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12145 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**PROFESSORALIDADE:** Uma investigação sobre práticas pedagógicas heterodissidentes  
 Manoel Luiz Santos da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia  
 Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as questões de gênero e sexualidade politizaram-se consideravelmente provocando debates envolvendo movimentos feministas, LGBTQIA+, lideranças políticas e religiosas, inclusive no sistema educacional. São muitas questões pertinentes aos estudos relacionados a identidade de gênero e sexualidade na educação que precisam ser problematizadas e discutidas.

Considerando a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd como espaço importante na organização e disseminação do conhecimento na área da educação e o Grupo de Trabalho – GT 23 como lugar expressivo e privilegiado para as discussões sobre Gênero, Sexualidade e Educação, este trabalho apresenta um projeto de pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional de uma universidade pública do Nordeste, que tem como problemática o estudo das práticas pedagógicas de professores gays com o objetivo de compreender o processo de constituição da professoralidade heterodissidente e como a docência de professores gays suscitam práticas pedagógicas diferenciadas.

Ressalto que professoralidade é aqui apreendida pelas lentes de Pereira (2016), como uma marca produzida no sujeito, um estado. Nessa perspectiva, professoralidade não é uma identidade, é uma diferença na organização da prática subjetiva. No caso o termo heterodissidente usado junto a professoralidade nessa discussão está atrelado ao sentido de divergência do modelo normativo heterossexual.

De natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, este trabalho apresenta discussão com base teórica e contribuições a partir de experiências vividas enquanto professor gay da educação básica em constante processo de constituição da professoralidade. Partindo desse entendimento, discorreremos sobre os desafios das discussões de gênero e sexualidade na educação e sobre a professoralidade heterodissidente frente as problemáticas relacionadas a identidade de gênero e diversidade sexual frente a heteronormatividade na escola.

## DESAFIOS DA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Pensando a educação como um bem público e, como ofício no processo educacional, a escola deve preparar os indivíduos, em termos de conhecimento e modos de convivência, para a vida em sociedade (SEFFNER, 2013). No entanto, a escola também se apresenta como um espaço de normatização que espelha e reproduz formas e comportamentos sociais. Não diferentemente, isso acontece envolvendo as identidades de gênero e expressões das sexualidades.

A escola é um ambiente social onde as diferenças e a diversidade se fazem presentes através de cada sujeito e sujeita com seus costumes, crenças, experiências, concepções, práticas de vida família e social diferentes, tudo isso somado aos principais marcadores sociais como raça, classe, gênero, sexualidade, religião, geração, entre outros que se interseccionam. Dessa forma, a escola deveria ser efetivamente lugar da promoção da convivência e da tolerância às diferenças e a diversidade humana.

Compreender a escola como espaço onde essas diferenças se expressam na sala de aula, nos corredores e nos demais espaços institucionais, é também considerar a possibilidade do convívio entre as diferenças a interação entre si (BURBULES, 2003). Consequentemente, a interação de diferentes modos de vida, da cultura e as diversas formas de expressão da diversidade possibilitam as relações com o outro, com o diferente. Essa relação harmoniosa e empática, ele considera “uma virtude da cultura cívica e democrática” (BURBULES, 2003, p. 160).

Continuando com a discussão sobre diversidade sexual no espaço escolar, Junqueira (2009) ressalta que impera no ambiente escolar a matriz heterossexista e o preconceito com base no modelo regulador de vivência das práticas afetivas e sexuais aos moldes heterossexuais, e tudo que difere dessa matriz normativa é de difícil aceitação. Como corrobora Fernando Seffner e Yara de Paula Picchetti (2016, p.6), “Nas questões de gênero e sexualidade, a norma atende pelo nome de heteronormatividade. Mas as escolas não são lugares onde apenas habitam meninos e meninas heterossexuais. E mesmo estes não têm todos os mesmos modos de viver sua masculinidade ou feminilidade”.

Para corroborar com nossa reflexão sobre as diferenças e corpos dissidentes da heteronormatividade, Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) amplia a discussão fazendo a interseccionalidade dos estudos de gênero e sexualidade com os estudos etno-raciais no espaço escolar. Ela nos alerta sobre o discurso social de tolerância ao tratar sobre as manifestações abertas do racismo velado como discurso de “tolerância”. O racismo que se caracteriza por não ser direto e por não se apresentar relacionado ao conceito de raça. Para a autora não há pudor em se tentar promover o apagamento de uma infância distintiva da cis heterossexualidade branca. Esse método de apagamento das infâncias dos corpos dissidentes da heteronormatividade branca é brutal e violento. E, ele segue afetando os corpos gays e pretos em todas as gerações. Há uma estratégia de silenciamento e invisibilidade desses corpos e das origens raciais articulada pela cis heteronormativa branca (Oliveira, 2018).

Cabe ressaltar que essa “força desumanizadora” que chamamos de preconceito, além de afetar crianças e jovens estudantes em processo de construção da identidade dos seus corpos, ultrapassa os muros das escolas e afeta todos, todas e todos que expressam uma sexualidade dissidente dos padrões heteronormativos, inclusive os professores gays. E,

não dialogar sobre sexualidades e identidades de gênero na escola é submeter-se as formas de controle impostas aos corpos gays, efeminados, lésbicos, pretos e tantos outros.

Portanto, é importante se atentar para realizar uma contra estratégia de resistência e luta contra a cultura de controle dos corpos dissidentes da heteronormatividade. Apresentar através de ações informativas estratégias para repensar os diversos modos de ser e existir para além dos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade de modo que contribua com a promoção dos direitos de cidadania de pessoas que se identificam como LGBTQIA+.

## **PROFESSORALIDADE HETERODISSIDENTE**

Com a intenção de refletir sobre a escola como espaço das relações e sociabilidade a pesquisa tem compromisso de refletir sobre a “professoralidade heterodissidente”, pensada hipoteticamente, como suas experiências se convertem em saberes docentes diferenciados? Há uma professoralidade heterodissidente (uma docência gay/lésbica)?

Ao discorrer sobre a constituição da professoralidade ou como se torna professor, a fim de conceituar e compreender a professoralidade, Santana e Pereira (2019) vão dizer que as diversas situações de conhecimento nas formações de professores, nas experiências na prática docente e nas vivências é o que constituem a sua professoralidade. “A professoralidade é algo que se constrói à medida que o sujeito experimenta e reflete a vida vivida. Tornar-se professor, em última análise, significa uma diferença na história de cada sujeito” (SANTANA; PEREIRA, 2019, p. 8).

Colaborando com a discussão sobre professoralidade heterodissidente, Oliveira (2022, p. 36) pondera que: “podemos confabular que a professoralidade consiste na ação do docente em se construir no contato direto com formas plurais de existência, cujos encontros multirreferenciais ensejam diálogo e negociação sobre vir a ser professor; aqui, em foco, sobre vir a ser professor gay”.

Assim, é possível pensar que a professoralidade heterodissidente tem como base constituinte os saberes experiências, “relativos aos saberes criados, desenvolvido e mobilizados pelos professores no decorrer do exercício de sua profissão, nas formas individuais ou coletivas” (SANTANA; PEREIRA, 2019, p. 12). Porém, os saberes experienciais que constituem a professoralidade heterodissidente são atravessados pelas sexualidades que escapam da heterossexualidade. Isto é, por saberes outros, produzidos pelas experiências da docência atravessada pelo preconceito e discriminação. Alguns desses saberes não sistematizados ou não teorizados, mas desenvolvidos com a singularidade que caracteriza a professoralidade de docentes não *conformados* pela heterossexualidade.

Além da discussão analítica da professoralidade este trabalho toma também como dispositivo de análise do preconceito contra gays e lésbicas estudos sobre a homofobia na escola.

Estudos referentes as diferentes concepções de masculinidade(s) na ambiência escolar e análise dos discursos de professores e professoras da educação básica, realizados por Yure Barbosa Martins de Oliveira (2022), com o objetivo de compreender como esses discursos influenciam no processo de construção identitária da masculinidade dos/as estudantes, a partir da análise da “homofobia na escola”, pondera que o preconceito se

apresenta em forma de piadas, conversas sileinciadas, insultos e de maneiras diversas, de modo que traz à tona a homofobia como práticas de coerção relacionadas à subjetividade do professor homossexual na escola. O que se observa é que a homofobia nos espaços educacionais atua intencionalmente como prática de repressão da sexualidade do professor/a homossexual. Os resultados desses estudos evidenciam que a homofobia na escola é um fenômeno de regulação engendrada no cotidiano escolar para reprimir docentes heterodissidentes mediante controle da sua sexualidade (OLIVEIRA, 2022).

Os moldes de controle dos corpos e expressão das professoras lésbicas não são diferentes, pois, como afirmam a pesquisadora Gersier Santos (2022, p. 41) “[...] quando o trato é para as questões lésbicas o contexto das vivências ligadas ao existir, e a afirmação dessas existências, ainda são prioridades, haja vista as determinações heteronormativas e as consequências da invisibilidade”. Todos utilizam o molde da heteronormatividade como forma de julgamento e controle dos corpos heterodissidentes, como forma de regulação da sexualidade na tentativa de inferiorizar e/ou invisibilizá-los oferecendo o modelo heteronormativo como forma de aceitabilidade e inclusão social. No caso em questão os professores e professoras que expressam sexualidade dissidente das concepções da heteronormatividade.

É importante reconhecer a contribuição dos estudos sobre gênero e sexualidade na educação, resistência, superação dos desafios e perspectivas contra as discriminações direcionadas às pessoas LGBTQIA+, especialmente no espaço educacional. No entanto, isso não significa que há ação efetiva das instituições escolares e/ou sociais quanto a implementação de práticas efetivas de defesa e acolhimento das pessoas que se identificam como LGBTQIA+ nas escolas. Especialmente se esse corpo for atravessado por uma performance de gênero dissidente dos padrões heteronormativos.

Diante dessa realidade de intolerância e desinformação, é de extrema necessidade trazer para o centro do debate os assuntos sobre as condições de cidadania LGBTQIA+ nas escolas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a professoralidade atravessada pela sexualidade é importante observar a subjetividade, trajetória de vida familiar, social, profissional, de lutas, resistências e sobrevivências que formam e transformam professores gays e professoras lésbicas conscientes da sua capacidade de contribuir significativamente com a sociedade pelo simples fato de “ser o que é”, como ato de ruptura dos muros e dos padrões heteronormativos.

Assim, este estudo se configura como “ato de desobediência” à heteronormatividade com o objetivo de “quebrar o silêncio” com propósito de questionar como a professoralidade gay e lésbica produz saberes docentes diferenciados? De que maneira a *professoralidade heterodissidente* contribui com a resistência e combate ao preconceito a (LGBTfobia) na escola? Um ato de afirmação de ser sujeito/a da sua própria expressão e empoderamento de ser professor gay e/ou gay professor pensando como possibilidade de enfrentamento as coerções das subjetividades, ao preconceito e a discriminação.

Portanto, esse trabalho apresenta significativa ação socioeducativa por oportunizar a reflexão da temática, questionar os direitos de expressão da diversidade sexual e das

identidades de gênero na educação. A escola precisa rever e refletir seus regulamentos e modos de funcionamento para não beneficiar apenas àqueles tradicionalmente representantes da hegemonia.

## REFERÊNCIAS

BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, R. L. e MOREIRA, A. F. B. (Orgs) **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2003.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: **Ministério da educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**, UNESCO, 2009.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação**. *Periódicus*, Salvador, n. 9, v. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25762>>. Acessado em 10 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Yuri Barbosa Martins de. **Confabulações professorais de docentes homossexuais**. Dissertação [Mestrado em Educação e Diversidade], Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Conceição do Coité, 2022.

PEREIRA, Marcos Vilela. **Estética da Professoralida: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. Da UFMS, 2016.

SANTANA, Anthony Fábio Torres; PEREIRA, Marcos Vilela. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. *REVELLI*, Vol. 11. 2019. **Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes**. Disponível em: <<https://doi.org/10.51913/revelli.v11i0>>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

SANTOS, Gersier Ribeiro dos. **Escrevivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades**. Dissertação [Mestrado em Educação e Diversidade], Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Conceição do Coité, 2022.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3vKwmtYmc5LLPDTxhgSnnfM/abstract/?lang=pt>>. Acessado em: 02 de outubro de 2021.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. **A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: Uma Educação sem Gênero e sem Sexualidade é Desejável?** *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 61-81, Jan./Abr. 2016.